



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**REGINA HELENA GONÇALVES DA SILVA**

**O Museu Histórico de Campina Grande e a Educação Patrimonial Improvisada**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2015**

**REGINA HELENA GONÇALVES DA SILVA**

**O Museu Histórico de Campina Grande e a Educação Patrimonial Improvisada**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Licenciatura plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em História.**

**Orientador: Prof. Ms. Cleófas Lima Alves  
de Freitas Júnior**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Regina Helena Gonçalves da  
O Museu Histórico de Campina Grande e a educação patrimonial improvisada [manuscrito] / Regina Helena Gonçalves da Silva. - 2015.  
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.  
"Orientação: Prof. Me. Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, Departamento de História".

1. Museu Histórico 2. Campina Grande - PB 3. Educação Patrimonial I. Título.

21. ed. CDD 069.09

**REGINA HELENA GONÇALVES DA SILVA**

**O Museu Histórico de Campina Grande e a Educação Patrimonial Improvisada**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Licenciatura plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em História.**

**Aprovada em 16/06/2015**

Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior

**Profº Ms. Cleófas Lima Alves de F. Júnior**

**Orientador**

Patrícia Cristina de A. Araújo

**Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo**

**Examinadora Interna**

Rozeane Albuquerque Lima

**Prof. Ms. Rozeane Albuquerque Lima**

**Examinadora Interna**

# O Museu Histórico de Campina Grande e a Educação Patrimonial Improvisada

Regina Helena Gonçalves da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar o Museu Histórico de Campina Grande e a seu projeto de educação patrimonial improvisado. Primeiramente, traçamos um breve histórico sobre museu e a educação na civilização ocidental. Em segundo lugar narramos à fundação do Museu Histórico e a construção da história oficial da cidade. No terceiro momento analisamos duas entrevistas de dois ex-diretores do Museu Histórico em suas lembranças sobre os caminhos com contraditórios do que denominamos de educação patrimonial improvisada.

Palavras-chave: Museu Histórico, Campina Grande e Educação Patrimonial.

## 1. Introdução

Segundo o International Council of Museums (ICOM 1974, apud POULOT, 2014, p. 18) o Museu “é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público [...] tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite”.

A proposta desta pesquisa foi investigar como se deu a criação do Museu Histórico de Campina Grande nos anos 1980. Trabalhei na perspectiva da história cultural em suas reflexões sobre memória e patrimônio histórico. As minhas fontes foram às entrevistas com dois antigos diretores do Museu, Walter Tavares e Josemir Camilo de Melo como também trabalhos acadêmicos.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: helenahathor26@yahoo.com.br

Tem também como objetivos compreender os vários usos sociais do prédio ao longo dos seus 200 anos de história (cadeia, telégrafo, museu de arte, museu histórico), investigar os lugares sociais e políticos dos responsáveis pela criação do Museu Histórico de Campina Grande nos anos 1980 e analisar que historicidade foi formulada pelo Museu sobre a cidade de Campina Grande.

É uma pesquisa extremamente importante para historiografia paraibana, particularmente de Campina Grande, pois buscou pensar sobre a construção de uma história oficial da cidade com a criação do Museu Histórico, com a construção de um conhecimento histórico que privilegiou determinados grupos sociais.

Este artigo está dividido em três partes: na primeira parte descrevo de forma sumária sobre a importância do museu como instrumento para construção do conhecimento, destaco algumas amostras que aconteceram mundo a fora; na segunda parte trato da criação do Museu Histórico na instituição de uma história oficial e os vários usos do seu prédio histórico. Na terceira parte analiso duas entrevistas com ex-diretores do Museu, o historiador Josemir Camilo de Melo e o fundador Walter Tavares.

## **2. Um olhar sobre o Museu e a Educação**

Nesse momento narro algumas questões importantes sobre a relação íntima entre museu, instituições de poder e práticas educativas na sociedade ocidental. Em primeiro lugar destaco a primeira exposição de objetos organizados realizada pelo Papa Pio XI há muitos séculos atrás. O acervo desta exposição era composto por artefatos religiosos, onde muitos destes objetos podem ainda ser vistos no Museu do Vaticano, em Roma.

Em segundo lugar temos o Museu de Alexandria formado por uma biblioteca em seu interior que continha aproximadamente 500.000 títulos. Um de seus frequentadores ilustres era o filósofo Aristóteles, o educador de Alexandre, O Grande. Assim como dentre um de seus bibliotecários estava Aristófanes de Bizâncio. Contudo, em 641 d.C. toda sua área foi destruída por um incêndio.

Em terceiro lugar ressaltar que no Renascimento os acervos dos museus ganharam sofisticação e requinte, pois se tratava do período em que Deus deixava de ser o centro do universo, sendo esta centralização transferida para o homem, aumentando consideravelmente a variedade de seu acervo. Assim determinados objetos de famílias da alta sociedade eram oferecidos para serem exibidos ao público, com o intuito de outros membros da mesma classe apreciá-los (HISTORIANET, 2015).

Em quarto lugar no Brasil, em seis de julho de 1818, D. João VI assinou em seu palácio no Rio de Janeiro, o decreto para a criação do Museu Real, hoje Museu Nacional. Na época, a arquiduquesa da Áustria Maria Leopoldina, futura esposa de seu filho D. Pedro I, influenciou de forma decisiva na criação do museu. Pois era uma naturalista e geóloga apaixonada, quando chegou ao Brasil trouxe vários naturalistas austríacos consigo em cinco de novembro de 1817.

Maria Leopoldina ficou apaixonada pelas riquezas naturais do país e enviou para a Europa diversas caixas com algumas amostras do que se tinha no Brasil para serem examinados. Devido ao seu enlace com D. Pedro I, a curiosidade dos europeus com relação às riquezas do país aumentou significativamente. Porém, deve-se ressaltar que o seu acervo não é composto apenas por riquezas naturais do Brasil, contava também com objetos de valor histórico e artístico (MUSEU NACIONAL, 2015).

Em 1890 foi inaugurado o Museu Paulista de São Paulo também conhecido como Museu do Ipiranga. Os objetos do acervo tratam do processo de independência do Brasil, tendo como período o século XVII. O seu acervo, contudo, trata do cotidiano da alta sociedade paulista, que era sustentada pela cultura cafeeira, tendo como seu maior quadro O Grito da Independência, de Pedro Américo. Em agosto de 1922 foi criado o Museu Histórico Nacional na cidade do Rio de Janeiro, sendo de vital importância para o país, com o primeiro curso de Museologia e construção de outros museus no país (HISTORIANET, 2015).

Penso que no Brasil existe um grande problema sobre a função dos museus que é o descaso e uso improvisado desses espaços de construção do conhecimento humano. Uma questão que me intriga é quais os motivos dessa negligência nas várias cidades do nosso país, particularmente Campina Grande? Nesse artigo vou apresentar algumas soluções para essa situação.

Uma das respostas está na ausência de profissionais capacitados e políticas públicas de educação patrimonial para que o museu seja utilizado de forma mais participativa e interessante durante o período pelo qual o visitante se encontra no local. É interessante o pensamento de Tamanini (2003, p.80) com base na experiência pedagógica norte-americana no uso dos museus: “[...] a relação da percepção da criança e ou público está baseada na expectativa da experiência pessoal interativa com o objeto ou a natureza”.

No Brasil a relação entre Museu e Educação é um pouco complicada. As experiências que acontecem com museus no país se restringem as grandes capitais, não tendo continuidade e marcadas pelo anonimato, dificultando ainda mais a sua análise. Para Tamanini (2003, p.81) o museu é um espaço de construção do conhecimento:

[...] antes de tudo é um processo de formação integral para com o patrimônio sócio/cultural, que exige da Instituição definições de ‘usos’ e ‘interfaces’ com diferentes públicos, é um estado de espírito, um processo a serem pensados constantemente onde conflitos e mediações fazem parte de uma conscientização profunda.

O Museu é uma espécie de “portal” no qual o visitante irá se “tele transportar” para uma época diferente ou ambiente diferente do seu, mas não incomum. Para que isto aconteça é necessária uma equipe de funcionários muito bem equipada e qualificada, que poderá ter como consequência disto uma opção de lazer para a população.

Para Jorge Luiz Veloso e Ricardo de Aguiar (2003, p. 1) faltam visitas prévias dos professores aos museus antes de levar as turmas às exposições e não preparam de maneira mais eloquente/agressiva os alunos para a visita, causando em alguns casos a falta de entendimento do alunado/visitante durante o percurso da visita, o que não é nada interessante.

Penso ser interessante a questão suscitada por Almeida (2005, p.32) de que o museu pode ser visitado primeiramente com a exposição dos objetos afetivos e depois os objetos cognitivos, transmitindo assim mensagens curtas e marcantes para os que ali estão presentes, atingindo as expectativas do público.

É necessário construir projetos de educação patrimonial, onde o visitante independente do seu grau de escolaridade se envolva com o ambiente e seus objetos. Que ele se reconheça e perceba o quanto que os artefatos e aquele ambiente tenham a ver consigo ou com a sociedade de maneira geral. É necessário que ele também se perceba como parte do processo histórico, como sujeito que faz parte da história e que ele sinta que aquele período não está tão distante quanto aparenta (TAMANINI, 2003).

### **3. O Museu Histórico e a Construção da História Oficial**

O prédio do Museu Histórico de Campina Grande foi construído no ano de 1812 e inaugurado dois anos depois, em 1814. Sendo a primeira cadeia da cidade, que na época ainda era Vila Nova da Rainha, 24 anos após sua nomeação como vila.

Como primeira característica do prédio, este possuía uma escada exterior e única entrada, contendo dois cômodos: o térreo, onde funcionava a cadeia e o primeiro andar onde funcionava a Casa da Câmara. A entrada para a cadeia era feita através de um alçapão no primeiro andar onde o prisioneiro descia até lá através de uma escada, que em seguida era removida.

No ano de 1824 houve a participação da Vila Nova da Rainha na Confederação do Equador, auxiliando no recebimento de alguns presos que foram trazidos do Ceará, onde dentre eles estava Frei Caneca, que participava da revolução e havia sido capturado.

Em 1879, houve a inauguração do Paço Municipal para ser a Sede da Câmara e do Fórum, onde sua construção se deveu ao Dr. Antônio da Trindade Antunes Meira Henriques, juiz de direito. O local tinha como função a de amparar a quem mais tivesse necessidades devido à seca que tomou conta do município. No mesmo ano foi criada nova cadeia fazendo com que o prédio do atual museu fosse abandonado.

Até o ano de 1895, o prédio possuía suas características originais, quando a prefeitura doou o prédio para o Governo Federal, que reformou consideravelmente o prédio. Demoliu a escada exterior, construiu duas portas no térreo e uma escada em seu interior. O governo instalou a Agência do Telégrafo, nome este colocado na fachada do

prédio que dura até a atualidade, sendo a primeira da cidade, inaugurada em 13 de junho de 1896, onde funcionou até o ano de 1933, quando foi transferida na administração do prefeito Lafayette Cavalcante.

No lugar da Agência do Telégrafo, foi instalado o Serviço Médico da Inspetoria de Obras Contra a Seca, sofrendo nova reforma, passando a possuir três portas no térreo e a construção de mais três portas no primeiro andar, no ano de 1935. Anos após, em 1965, serviu como primeira sede da Reitoria da Universidade do Nordeste e do Museu de Artes da FURNE.

No ano de 1980 foi criado o projeto do Museu Histórico no governo de Evaldo Cruz, porém só foi inaugurado em janeiro de 1983 na administração de Enivaldo Ribeiro, através de uma comissão que era formado pelo historiador William Ramos Tejo que na época era Chefe de Departamento do Patrimônio Cultural do Município, a professora Jaldete Soares e Walter Tavares, recém-nomeado a diretor do Patrimônio Cultural do Município. Contudo, em 1985 a comissão pediu demissão devido à falta de uma política cultural na cidade.

Segundo a autora Vanessa Macêdo em sua dissertação de mestrado sobre o Museu Histórico de Campina Grande, William Tejo nasceu em 26 de Dezembro de 1919 na cidade de São João do Cariri, na Paraíba, também morou em Recife e logo após a morte de seu pai mudou-se para Campina Grande com a sua família (mãe e irmãos). Escrevia para o Jornal da Paraíba, também foi diretor e jornalista e professor, mas antes de tudo, ele se via como um educador.

É nesta visão que William Tejo faz com que adentre na cidade de Campina Grande políticas culturais de patrimônio, tornando-se uma referência no assunto, segundo Vanessa Macêdo e dado a seu engajamento no assunto, ajudou em 1979 em conjunto com a Embrapa a criar o Museu de História e Tecnologia do Algodão (hoje o Museu do Algodão).

Ainda em sua dissertação, Vanessa Macêdo nos descreve que não existia um projeto museológico na criação do Museu Histórico de Campina Grande, sendo fruto de uma ação intelectual do professor William Ramos Tejo, tendo em vista a demanda e necessidade do período para uma ação memorialista como a tentativa de criação do

Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande (IHGCG). Muito pertinente a afirmação de Macêdo (2011, p.50):

[...] atrelada a lugares de poder e estrutura de estado, apresentam um caráter educativo, consubstanciada em narrativa da história, caráter este, ligado a uma abordagem que relaciona a produção/elaboração de uma verdade, relacionada e estruturada enquanto narrativa da História da cidade, através de uma exposição, ou, de uma linguagem específica, a linguagem museal.

Durante um período de dez anos, o prédio não recebeu nenhuma reforma, com isso ocorreram infiltrações nas paredes comprometendo a estrutura do prédio e também o seu acervo, danificado pela ação do mofo e fungos. Cerca de 90% das instalações do museu estavam às escuras, pois devido as goteiras as instalações elétricas estavam danificadas, havendo sério risco de incêndio, além das rachaduras nas paredes.

Em novembro de 1994, Walter Tavares enviou um relatório ao então prefeito Félix Araújo, descrevendo as condições precárias do museu e apontou diversas propostas para a melhora do prédio, onde este precisava de uma reforma urgente. Dentre as propostas estava o fechamento do museu por um período de 40 dias, sendo notícia nos jornais locais.

O fechamento do Museu Histórico para manutenção do mesmo foi notícia no Jornal da Paraíba na edição de 26 de novembro de 1994 e no Diário da Borborema em 29 de novembro de 1994. Uma determinação da Secretária da Educação Lenilda Melo e do prefeito Félix Araújo, sendo reformado e aberto nos primeiros meses do ano de 1995.

Em seu acervo o Museu Histórico possui fotografias, artigos, mapas, móveis, armas, veículos, joias, bonecos, fósseis e ferramentas organizadas de uma maneira que deveriam contar a história da cidade. Teria ainda o objetivo de retratar o passado histórico e a preservação da cultura do município de Campina Grande, que possui em seu acervo já citado anteriormente, uma tentativa de resgate da história do município, mas ao visitar não é bem isso que percebemos.

Existe um documento no museu “Trabalho de recuperação do prédio e do acervo do Museu Histórico de Campina Grande Realizado no período de 1994 a 1996.

Gestão Walter Tavares – Diretor do Departamento de Patrimônio Cultural”, servindo de diagnóstico do período para que saibamos o estado em que o prédio e seu acervo se encontravam, através de fotografias e recortes de jornais.

Segundo Vanessa (2005, p.55) a exposição museal do Museu Histórico busca narrar a história oficial da cidade de Campina Grande desde os anos de 1697 até meados de 1940, fazendo isso em três momentos: o primeiro sobre o Aldeamento, o segundo a fundação da Vila Nova da Rainha e o terceiro da cidade de Campina Grande, que foi marcada pelo comércio do Algodão entre os fins do século XIX e início do século XX, com destaque para a modernização devido o crescimento da atividade comercial na cidade. Destaco a afirmação abaixo:

No contexto de sua criação o objetivo da preservação de memória ultrapassa sua potencialidade [...]. Tanto que o conceito de Museu-Escola aparece na reportagem que apresenta o MHCG no Jornal da Paraíba no ano de sua fundação. Este potencial do museu enquanto espaço para se educar sobre a história da cidade aparece com objetivo, [...]. O caráter educativo de sua exposição está muito mais relacionada a uma valorização de uma história-exemplo, confeccionada em outro setor, para que seja absolvida e pensada dentro do que determina, expõe e diz (MACEDO, 2011, p. 55).

Por mais que vários diretores tivessem passado pelo museu através de todos esses anos, a autora Vanessa nos descreve que não houve nenhuma mudança na narrativa do Museu ou alguma reelaboração da exposição, não sendo mais do que pequenos recortes reinsertos dentro de uma mesma narrativa.

Atualmente o Museu Histórico ainda possui as mesmas características da reforma, porém sua biblioteca precisa de reforma urgente devido ao mofo instalado nas paredes, comprometendo vestígios preciosos da história da cidade e do próprio museu. Prejudica a saúde de seus funcionários, no período chuvoso é impossível pesquisar na biblioteca, sendo cancelado o atendimento ao público. Assim, vemos um verdadeiro descaso com essa instituição tão importante na construção do conhecimento.

#### **4. Um olhar sobre a Educação Patrimonial Improvisada**

Quando se evocada a ideia de museu há um consenso entre os educadores de que estes são espaços onde o conhecimento sobre o passado e a educação podem se desenvolver de modo dinâmico, não mais baseado na perspectiva de um conhecimento neutro, marcado pelas pretensões positivistas já interpretadas como legitimistas e ideológicas de setores dominantes das sociedades.

O museu também deve ser visto como espaço de conhecimento individual. Não se trata apenas de conhecimento e identificação de um passado coletivo, mas de subjetivação e aprendizagem de si.

Mesmo que a maioria das pessoas não pareça estar interessada na importância dos museus, tratando-os geralmente como um local para conhecer algumas curiosidades do passado e enxergando estes espaços como prédios do poder público local, que pouco ou nada têm a instruí-los. Acredito que depende muito da forma como o Museu é gerenciado e apresentado ao seu público e de como os profissionais engajados enxergam a importância simbólica dos objetos, conteúdos, artes e monumentos. Para os tornarem veículos íntimos da história sociocultural de um lugar.

Para refletir sobre o papel dos museus, este trabalho traz algumas falas do Dr. em História Josemir Camilo de Melo (entrevista realizada no dia 29 de setembro de 2014), que no ano de 1986 dirigiu o Museu Histórico de Campina Grande e pôde enxergar de perto algumas das mais evidentes dificuldades em sua sustentação física e administrativa. Quando questionado sobre estas dificuldades, o Dr. Camilo mencionou que no caso do Museu Histórico de Campina Grande:

O museu é um departamento da Secretaria (hoje) da Cultura e como tal não tem autonomia nem, me parece, dotação orçamentária própria. O quadro não era profissional e parecia mais, em alguns casos, lotação por (des)mérito político partidário.

A partir daí é possível assimilar uma realidade que não está presente particularmente no Museu Histórico de Campina Grande. Os Museus paraibanos, quiçá, muitos outros no Brasil, têm sua estrutura relegada ao descaso e falta de interesse de autoridades políticas locais, que selecionam pessoas sem o devido preparo para fazer

parte de um quadro profissional que, no mínimo, deveria ter afinidade com a proposta sociocultural e educativa de um museu.

Dr. Camilo de Melo reafirma uma discussão antiga sobre o desempenho do Museu de Campina Grande e acaba por rerepresentar em sua fala uma realidade que muitos museus, sobretudo os menores, vêm enfrentando. De acordo com suas impressões como historiador enquanto esteve na direção do Museu Histórico de Campina Grande:

Estruturalmente o museu está organizado de uma maneira antiga, para não dizer meramente positivista, sem política pedagógica nem museológica. [...] O museu sempre guarda objetos e documentos de uma classe, a elite, quando muito a classe média. Mas as coisas do povo não estão lá. (DE MELO, 2015).

Muito embora as inestimáveis contribuições metodológicas do positivismo a sua época, sua interpretação em busca do acontecimento factual não ampara mais as reflexões teóricas atuais do conhecimento histórico. Os artefatos e personagens históricos presentes no museu, por si só, não falam sobre uma realidade histórica concreta, mesmo que ainda sejam importantes símbolos do passado. Muito mais se direcionam a um leque de possibilidades para analisar criticamente sobre como as sociedade e natureza se movimentaram até aqui. Particularmente sobre conhecimento exposto pelo Museu de Campina Grande, faz-se necessário uma reconstrução interpretativa com aporte em novos perfis teóricos para que acompanhe as mudanças no pensamento e nas sociedades atuais, além de suprir mais significativamente e didaticamente o seu público.

Em se tratando do Museu Histórico de Campina Grande, Camilo de Melo menciona que não é dada a devida importância nem a estrutura física tampouco ao rico acervo histórico abrigado pelo museu:

Não se tem tido a devida consciência. Agora nos 150 anos, quase ninguém sabia do bicentenário deste prédio talvez meia dúzia de pessoas. (...) a cidade não foi preparada para sentir isto, o valor do seu prédio mais antigo enquanto estrutura e não fachada, que esta já sofreu bem umas quatro alterações.

Assim, entende-se que uso do Museu de Campina Grande ainda usa um método atrelado à perspectiva positivista que enaltece feitos, datas e os grandes nomes na história.

No Brasil, uma parte dos museus, inclusive os museus paraibanos, serve de espaço que consagra e dá visibilidade a uma história voltada para as classes no poder, expondo suas vestes, seus bustos, arquivando jornais sobre datas importantes e símbolos heroicos na política. Muito se tem criticado e pouco se tem analisado como podemos amadurecer os usos dos museus, para que sejam vistos como um espaço de memória e identificação coletiva e que, por meio deles, se apresente uma história que envolva o povo como um dos mais importantes agentes históricos.

O conhecimento que pode ser gerado pelos museus depende de uma mudança não apenas na dinâmica pedagógica, mas no modo de fazer a sociedade se identificar e sentir que através do museu lhes é oferecida uma consciência, um reconhecimento de si.

Sobre os novos rumos que os museus devem tomar a museóloga Ana Barbara de Barros (2011) diz que:

Reforça-se o valor educativo destas instituições culturais que podem, assim, repensar e investir em novos pontos de partida, recorrendo a estratégias inovadoras e criativas que visam estabelecer relações mais efectivas com os seus públicos. Proporcionar a descoberta de múltiplos trajectos que não se esgotam na experiência entre paredes do museu, mas que as ultrapassam para a realidade exterior, articulando-se com outras vivências passadas e futuras do sujeito, são os desafios actuais. (BARROS, 2011).

Os símbolos, o saber e a sensibilidade para com os recortes do passado oferecidos pelos museus não perderam valor, em hipótese alguma. Porém, é imprescindível que numa sociedade de informação e tecnologias avançadas, os programas educacionais museológicos devam inovar às suas propostas. Veja o pensamento de Barros (2011):

Os museus são espaços de aprendizagem e de encontro, que ajudam a potencializar, perante os objetos, as faculdades de cada um, estimulando a reflexão, a observação, a imaginação, inculcando sentido estético e criando pontos de equilíbrio e associações com a realidade exterior.

Portanto, faz-se necessário que esta tarefa possa ser elaborada e executada por sujeitos familiarizados, engajados e comprometidos profissionalmente com o papel representado pelo espaço do museu.

Sabe-se que o museu, nesta primeira década do século XXI, não é apenas um espaço para lembrar e contar histórias, mas um espaço em que se constroem memórias. O museu pode ser a lembrança de gente deixada pelo objeto, ou

lembranças que incitam a busca de outras histórias: história de pessoas, história de lugares. Museu “lugares de memória” (PINTO, 2013).

Museu é lugar cuja importância é construída a partir do reconhecimento e identificação de seus dizeres com nossa própria história. Sem isso, porque valorizar objetos, imagens, sons e narrativas que nada têm a dizer sobre nós mesmos, nossas experiências? É através das memórias conservadas pelos museus que se constroem pontes entre o passado e o presente, não simplesmente em reviver o que passou, mas reinterpretar, recontar o passado.

Mas como compreender o interesse por manter tais espaços e a partir do que vem celebrar as fontes de conhecimento do passado através dos Museus? Para Nora esta uma necessidade intrínseca ao ser humano na medida em que:

(...) os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993: 12 - 13).

Muito embora a história seja uma representação narrativa feita a partir de interpretação das fontes, ela não deixa de nos contar algo que nos localiza no tempo e no espaço e nos faz atribuir uma identificação individual ou coletiva e guardar algo que seja sagrado. Assim, muito se têm criticado museus que abrigam uma história elitista sem dar viés aos objetos e falas do povo. Em se tratando do Museu Histórico de Campina Grande, ainda há muito a se melhorar em termos de fazer todos verem-no como espaço de memória, não apenas abrigando memórias de uma única classe, mas fazendo sua existência própria um monumento que reconta o passado de Campina desde as elites até os populares.

Com construção iniciada em 1812, para dois anos depois ser inaugurado, o prédio onde hoje se localiza o Museu Histórico de Campina Grande deveria ser considerado um ícone singular para Campina Grande. Não apenas por conservar a duras penas um rico acervo histórico e cultural, mas por ter abrigado várias instituições significativas na história da cidade. Foi inaugurado como a primeira cadeia, invadida pelos revoltosos da Quebra-Quilos, e após, em 1896, transformando-se em Telégrafo Nacional.

O Museu não esbanja história meramente arquivada em seu interior, ele próprio é história, sua arquitetura, sua estrutura interna, os ares libertados apenas ao adentrá-lo

em busca de suas falas sobre o passado. Falas estas que encontram dificuldades para serem transmitidas seja em termos de manutenção do próprio prédio, seja para preservação de todo o acervo e atribuição de seus cuidados para profissionais regados na área.

Foi através de um projeto advindo de estudantes do Curso de Comunicação, orientados pelo historiador William de Ramos Tejo, que em 1979, surgiu o primeiro esboço da proposta para a estruturação do Museu Histórico de Campina Grande. Segundo Walter Tavares (entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2014), aluno que fez parte do projeto, menciona que no período de 1980 a 1983 na administração do prefeito Enivaldo Ribeiro foram organizados e aprovados todos os trâmites para inaugurar o prédio como Museu Histórico. O prédio pertencia ao governo federal e a sua tutela foi repassada ao município para que se tornasse plena e unicamente o Museu.

Se lá foi implantada outra coisa que não seja o Museu, não pode. O prédio volta para o Governo Federal. No documento era bem isso... era unicamente é... Específico pra ter um Museu Histórico em Campina Grande. E a gente trabalhou lá: eu, o professor William Ramos Tejo que foi o mentor principal – era o chefe – e a professora Jaldete Soares na montagem do Museu Histórico de Campina Grande de 1980 a 1983. Foram quase quatro anos. E o prefeito Enivaldo Ribeiro trouxe do Recife uma das maiores autoridades em museologia do país que era a doutora Cléa Dubeux Pinto Pimentel, que era do Instituto Joaquim Nabuco (...) e ela foi quem veio também auxiliar na montagem do Museu, dar técnica de museologia a gente. (TAVARES, 2014)

Segundo Tavares o Museu Histórico perdeu seu propósito original que era documentar, pesquisar, divulgar e publicar a história da cidade, popularizando a sua cultura e história, tornando-a mais acessível ao público.

O Museu tá um pouco afastado do objetivo dele, que é um Museu [ser] vivo, ele tá muito, nos últimos anos ele transformou-se num Museu estático, sem uma programação cultural definida [...]. Tem pessoas ali que não tem nada, absolutamente nada a ver com a história, com nada de Campina Grande, que não estão nem treinadas. Mesmo que se dê até um treinamento, elas não vão ter interesse nunca em guiar um visitante... É... Dizer com prazer a história da cidade como deve ser dita e contar a história da cidade. Então o Museu tem que ter principalmente o material humano [...]. Então, quando foi criada agora, a Secretaria de Cultura há quase 3 anos atrás, o objetivo era tornar esse monumento histórico, como o prédio do Museu Histórico, que é o sobrado mais antigo que resta de pé na cidade, em Museu dinâmico, com cursos específicos, com treinamento, com pessoas que estejam ligadas à história da cidade, com guias específicos[...] (TAVARES, 2014).

O depoimento de Tavares reafirmar as narrativas do professor Camilo, ex-diretor do Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, a urgência em repensar o tratamento dado a este monumento tão importante para manter parte da memória da cidade e para produção do conhecimento.

Segundo Le Goff (1990) os monumentos são heranças do passado, diferente dos documentos que são constituídos pelos historiadores a partir de suas escolhas: “*O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos*”.

Desse modo, o Museu Histórico de Campina Grande produz estes efeitos, fazendo-nos não apenas atualizar nossas “impressões passadas” como também sendo ele próprio um monumento que reporta a eventos históricos importantes para a cidade, tendo a capacidade de elucidar a construção da identidade de Campina e suas aspirações elitistas ou populares desde sua origem, passando pelas reformas modernas por elas sofridas em meados do século XX até dias hodiernos.

Em seu depoimento, Tavares menciona não apenas o descuido para com o Museu, mas também cita outros prédios históricos de arquitetura neoclássica e Arte Nouveau que foram demolidos, numa época em que as autoridades campinenses decidiram esforçar-se para modernizar a cidade de acordo com os grandes centros europeus, aderindo ao movimento Arte Déco, que substituiu a partir dos anos 40 as fachadas de vários prédios e casas do centro.

Surgiu na França no período entre guerras, Arte Déco faz-se surgir como um estilo decorativo que “se desenvolveu em uma época onde o lazer, a velocidade, as viagens o luxo, as festas e o jazz auxiliavam as pessoas a esquecer os traumas da Primeira Guerra Mundial, divertirem-se e olhar esperançosamente para o futuro. Inserido em um contexto que exaltava o consumismo, o estilo foi amplamente aplicado na arquitetura e na configuração e promoção de produtos como fonógrafos, aparelhos de rádio, automóveis, transatlânticos, aviões, cosméticos e filmes de Hollywood “(DEMPSEY, 2003 apud PISSETTI). Para o ex-diretor Tavares, Arte Déco surge como estilo demolidor de parte importante da história de Campina com a intervenção urbana do início dos anos 40:

Mas o maior crime na história de Campina Grande”, para Tavares “é que o Art Déco, foi instalado sem nenhum critério preservacionista, de 1940 a 1945. O tempo passa e hoje já é história pura também, porque se nós não

temos mais quase do século 17, 18, 19 e início do século 20 (...) o art déco tá aí tomando o centro da cidade todinho e é a única maneira, a única forma que a gente tem de ter um perfil arquitetônico definido da cidade, (...) porque o que existia de neoclássico e era muita coisa em neoclássico, e o que existia de resquícios de um Brasil colonial ou de art nouveau, muita coisa de art nouveau de Campina Grande do final do século 19 até a década de 20 (...) a cidade perdeu durante a implantação do Art Déco.(...) A gente tem essa tradição: Campina Grande é uma das cidades que mais destruiu patrimônio histórico no Brasil e continua destruindo todo dia. (TAVARES, 2014).

A preocupação do ex-diretor com o Museu segue na mesma direção de seu lamento sobre outros monumentos históricos da cidade. Em suas narrativas apela para a preservação do prédio do Museu, pois, nos dias de hoje, o Museu Histórico encontra-se ilhado por prédios novos. Há uma concentração de vendedores ambulantes, barraquinhas de lanche e meninos de rua, que numa tentativa de sobreviver as dificuldades impostas ao centro urbano acabam por ofuscar o glamour e importância histórica do prédio que abriga o Museu.

Através destas narrativas foi possível perceber como Museu de Campina Grande tem sido administrado por colaboradores desinteressados pelo fascínio do saber histórico da cidade. O Museu necessita de uma gestão profissionalizada com um projeto de educação patrimonial, onde o conhecimento por ele apresentado traga significado, iteração e lugar de memória coletiva para Campina Grande.

## **5. Considerações Finais**

Acredito que durante todo o período de pesquisa, na realização das entrevistas, as leituras sobre patrimônio e as visitas ao museu na busca frustrada por novas fontes, percebi a importância do Museu Histórico para a cidade, por ser um espaço de construção do conhecimento histórico dos diversos grupos sociais da cidade.

Investigamos como se deu a elaboração do Museu Histórico de Campina Grande no prédio mais antigo da cidade nos anos 1980, destacando os elementos construídos para uma chamada história oficial da cidade. Também podemos perceber a importância que o Museu em seu acervo e na sua arquitetura, por ter 200 anos de muita história e luta.

Um dos resultados mais importantes da nossa pesquisa foi a constatação a partir das narrativas de Melo e Tavares de que o Museu Histórico tem sido

administrado a partir de uma política de educação patrimonial improvisada, sem profissionalismo e a reflexão histórica sobre a cidade.

Portanto, esse artigo é o início de outras pesquisas com outras fontes e outros olhares sobre o patrimônio cultural e histórico da cidade, mas especificamente do Museu Histórico de Campina Grande.

## **The Campina Grande Historical Museum and Heritage Education Improvised**

### **Abstract**

This article aims to examine the Campina Grande Historical Museum and his makeshift heritage education project. First, we trace a brief history of museum and education in Western civilization. Second we narrate the foundation of the Historical Museum and the construction of the official history of the city. In the third phase we analyze two interviews two former directors of the Historical Museum in his recollections of the ways with contradictory of what we call improvised heritage education.

Keywords: Historical Museum, Campina Grande and Heritage Education.

### **Referências**

#### **Fontes**

MELO, Josemir Camilo de. Entrevista concedida em 29 de setembro de 2014.

TAVARES, Walter. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2014.

#### **Livros, Artigos, Teses e Dissertações**

BARROS, Ana Barbara Da Silva. Profissionais de Educação em Museus: caso de estudo na cidade do Porto IN: **Ensaio e Práticas em Museologia** Org. Alice Semedo e Patrícia Costa. Revista Museologia e Patrimônio. Vol. 1; 2011. Porto Alegre.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção repertórios).

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, n.10, p. 7-28, Net, São Paulo dez. 1993. Disponível em: <<http://http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2014.

PINTO, Suely Lima de Assis. **Museu e arquivo como Lugares de Memória**. IN: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. UFG - Goiás, 2013.

PISSETTI, Rodrigo Fernandes. \_\_\_\_Souza, Carla Farias. **Arte Déco e Arte Nouveau: confluências**. Revista Imagem. Vol 1. Nº1- Serra Gaucha, 2011.

MUSEUNACIONAL. O Museu Real: novos espaços de pesquisa e memória. In: \_\_\_\_\_. **Museu Nacional**. São Paulo: Banco Safra, 2007.p. 12-15.

SANTOS, Maria Cecília T. Moura. Educação e processo museológico. Net. **Museu e Educação**: conceitos e métodos. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servelet/newstorm.ns.presentation...htm>>. Acesso em: 16 de Novembro de 2014.

TAMANINI, Elizabete. **Museu e Educação**: reflexões acerca da experiência no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Net, Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org.htm>>. Acesso em: 16 de Novembro de 2014.

POULOT, Dominique. História dos museus. IN: \_\_\_\_\_. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 15-34.

FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. Estado da Paraíba. Patrimônio histórico. In: \_\_\_\_\_. **Livro do Município de Campina Grande**. João Pessoa: UNIGRAF, 1984. 284 p.

TARGINO, Itapuan Bôtto. Tombamentos e Cadastramentos em Campina Grande. In: \_\_\_\_\_. **Patrimônio Histórico da Paraíba 2000/2002**. João Pessoa: IDÉIA, 2003.p.104-107.